

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalâmio de Mansel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondências, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes \$730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 26 DE JULHO.

Agitou-se na cidade do Porto a ideia patriótica de commemorar no 1.º de Dezembro, o anniversario da revolução nacional, que em 1640 restaurou a independencia desta nação, que ás outras ensinára o caminho por mares nunca d'antes navegados; e por todo o paiz acordou, á voz que se levantara nas margens do Douro, o patriotismo dos bons filhos desta terra portugueza, perfilhando aquella ideia, inspirada no amor da patria.

E' a mais eloquente resposta que o povo portuguez podia dar aos que ousam suppôr, que o Portugal de hoje renega a sua historia gloriosa, e os brios daquelles que lhe legaram com a independencia nacional, o sentimento generoso, que lhe serve de base e escudo.

E' com taes manifestações, que a nação protesta com toda a energia da força do seu direito, contra tudo o que na imprensa do paiz visinho se publica sobre uma sonhada iberica.

Uma nacionalidade de sete seculos, tem já por si a grandeza da sua historia, a sancção e respeito dos tempos, e os fóros cuja legitimidade a razão universal reconhece e consagra.

Estes titulos são poderosos, ainda nas nações pequenas, contra a força e ambição das maiores, porque a opinião, soberana do mundo, a legitima na consciencia publica.

E' por tanto filha de um sentimento elevado, a ideia de revelar ao mundo a fortaleza do espirito nacional deste paiz, pela commemoração festiva do dia anniversario da heroica e patriótica revolução, que ha 221 annos revindicou e restaurou a independencia da patria d'Alfonso Henriques,

e a firmou no patriotismo que sessenta annos de ominosa dominação estrangeira não amorteceram, mas antes avigoraram.

Mas se o nobre proposito dos portuguezes de hoje, é recordar esse glorioso feito dos nossos maiores, justo é que se recorde tambem o modo como elles festejavam o seu anniversario, quando ainda com a lembrança delle andava viva na memoria de todos, a dos agravos que vingára.

Associava-se então ao sentimento patriótico, o sentimento religioso; e era com acções de graças ao Deos protector das causas justas, e da monarchia levantada em Ourique sob a egide das sagradas quinas, que os portuguezes daquelle tempo festejavão o 1.º de Dezembro, e os anniversarios das mais famosas batalhas pelejadas em prol da independencia de Portugal.

Sigamos-lhes em tudo o exemplo; que para seguir é elle.

Deixaram-nos por herança patria e independencia nacional; herdamos delles o sentimento em que uma e outra se escudam, herdemos-lhes tambem a fé, que era a força que os tornára fortes.

Já em Vizeu, e Aveiro se tomou a louvavel resolução de seguir aquelle exemplo, e crêmos, que aconselhadas pela prudencia, as outras terras do Reino farão o mesmo.

Não haverá assim agravos nem offensas, nem pretextos para que se produzam.

A força da razão é sempre invencível, mas é mister para que assim seja, que se não desauthorise por excessos ou imprudencias, dos que não sabem medir nem calcular o alcance e valor das cousas.

Temos tudo por nós, e assim devêmos pôr todo o cuidado em não perder esta vantagem.

Discurso do snr. José Estevão proferido na sessão do dia 9.

[Continuado do n.º 79.]

Os decretos estão passados, as portarias são immensas, está esgotado todo o arsenal administrativo, e em passando amanhã ha uma profissão de irmã da caridade.... E depois d'esta entrar para a igreja, e pedir a benção aos paes, ter-se-ha fallado ao respeito devido a este paiz, escarnecido do parlamento, dos snrs. ministros e de mim mesmo, que estou fallando em vão e occupando-me de futilidades; porque não ha nada mais futil do que esta grande luta de palavras para uma cousa que se sabe que não se faz nem se executa.

Pergunto aos snrs. ministros — se sabem d'esta profissão, se a authorisam, se estão dispostos a prohibil-a; se esta irmã da caridade é portugueza ou franceza; quem são os padres que lá officiam; e se é permittido n'esta terra dar profissões religiosas—

Esta é que é a questão.

Eu fui victima da minha innocencia, porque quando via estes decretos, tão decididamente infestos ás irmãs da caridade, julgava que alguma cousa se conseguiria com elles, e reputava os meus correligionarios politicos eivados de uma certa veia opposicionista ao dizerem-me = que isto de nada valia =. Pois é possível, dizia-lhe eu — que estes decretos, que dizem dissolver a corporação das irmãs da caridade, nada façam e que ellas se não vão embora?!. — E como provavelmente o snr. presidente do conselho se havia rido de mim, elles riam-se tambem.

Todos conhecem as difficuldades da questão; todos sabem o que é introduzir aqui uma vez as irmãs da caridade.

Se de novo se introduzissem as ordens religiosas todas em Portugal, com o seu voto, de cruz alçada, com os seus prelados, com as suas casas capitulares, em summa, com toda a sua sumptuosidade, todas eram acceitas, e depois havia de dizer-se que eram legaes e legalissimas, e que os decretos que contra ellas se promulgaram não lhes diziam respeito. E no meio d'estas ambases de interpretação e não interpretação de lei, provavelmente fazia-se uma moção para que todas pudessem continuar a existir entre nós, e para que nós todos fossemos filiar-nos em alguma d'ellas (riso).

Esta insistencia na legalidade da questão é que eu nunca cheguei a perceber. Parecia-me antes uma questão de principios de philosophia social e de organização de beneficencia, em que se tractava dos direitos do Estado contra a igreja dominante.

Pois para que quereis cobrir a vossa cobardia doutrinal com a letra das leis e dos decretos para quem quer que seja, ou para os poderes estrangeiros, ou para as altas influencias do paiz? Quereis mostrar-vos coactos das leis! E suppondo que não havia leis?...

O que eu pergunto aos snrs. ministros é — se julgam as irmãs da caridade uma instituição necessaria, accetavel, sem perigos para a governação do Estado —; só se pôde admittir nas circumstancias em que está, sem offensa do nosso pundonor nacional, sem sujeição dos poderes do Estado; se quereis, se não quereis esta instituição; se tem ou não tem a coragem dos grandes ministros do imperador para dizerem n'um re-

Jatorio lucidissimo, que se leu perante a Europa sem nos fazer vergonha: «As ordens religiosas não servem para nada, estão caducas, não as queremos.»

As leis!... Mas estas leis não são só para serem interpretadas por juriconsultos, são para serem sentidas por todos os homens publicos (muitos apoiados). Estas leis gemem, estas leis clamam, estas leis bradam, estas leis cheiram a polvora, estas leis escorrem sangue de uma luta fratricida, não parlamentar: nas lutas parlamentares nunca ha sangue escorrido; ha-o muitas vezes exaltado pela raiva, ou congelado pelo despeito. Estas leis fizemol-as nós, balemos-nos por ellas, sancionamol-as debaixo da bandeira que arvoramos. Estas leis levaram ao throno a dynastia da Senhora D. Maria II, que teve sempre um instincto finissimo, instincto feminino, dos principios sobre que repousava a sua dynastia; porque nunca capitulou, dentro da esphera do poder e das sympathias, com estas invasões surrateiras de influencias ecclesiasticas, que para mim são suspeitas de serem contrárias ao governo representativo.

Estas leis, estes principios, e outros de somenos importancia, recordava o presidente do conselho de ministros á mesma soberana, quando n'uma representação disse áquella senhora: «Respeitai os direitos constitucionaes, por segurança mesmo do vosso throno»; ameaça que hoje se estranharia muito que se pozesse na bôca do snr. Quadros. E essa representação era de um meeting, de que era presidente o mesmo snr. presidente do conselho, e de que eu fui um indigno orador. E no fim de tudo disse-me que o partido progressista praticára um facto eminentemente constitucional, digno de ser imitado em todos os paizes onde existia systema representativo. Entremos pois n'este caminho, porque entramos no caminho constitucional, respeitemos estas leis, porque vivemos por ellas; são as nossas leis, são o nosso coração, são a nossa vida, são a nossa historia.

Snr. presidente, estamos a 9 de julho, faz hoje mesmo vinte e nove annos que com essas leis no pensamento, entramos, sete mil perseguidos, sete mil expatriados, n'uma cidade que tinha mais do que nós essas leis no pensamento, porque tinha visto n'essas congregações religiosas, os instigadores e conselheiros de uma tyrannia nefanda; porque tinha visto sahir d'essas casas ou corporações religiosas, cohortes de testemunhas falsas, que tinham ido aos tribunaes levantar com os processos judiciaes os patibulos d'onde deviam cair as cabeças d'aquelles que ellas tinham marcado como infestos ao seu dominio (apoiados). E quem me diria que em uma assemblea aonde vejo alvejar ainda tantas cabeças que tinham este mesmo pensamento, onde vejo tantos braços que em sua defeza se levantaram, se haviam de esquecer os perigos porque passamos, e o sangue que então se derramou!...

[Muitas vozes: — Não esqueceu, não esqueceu.] Bem; estimo bastante ouvir a manifestação da maioria; mas não basta isso, é preciso que nos convençamos de que não podemos salvar os objectos que veneramos, se não reunirmos todas as nossas forças constitucionaes e moraes para desfazermos e contrariarmos as intrigas e embustes, pelos quaes se quer repôr outra vez no seu throno e dominio, estas instituições que nós combatemos, destruimos e desfizemos (apoiados).

Snr. presidente, isto não é questão de irmãs da caridade, estão enganados; é mais alguma cousa, é a questão das ordens religiosas (apoiados); é a sua elevação ao estado primitivo. O fanatismo religioso querendo por meio de educação a seu modo desviar os nossos filhos dos principios e doutrinas que professamos, chama-lhes filhos espirituaes! Filhos espirituaes! Como se eu admittisse que algum filho meu fosse filho do espirito de ninguem (risada geral). A questão é grave e delicada, e é necessario que não haja flexibilidade nenhuma de espirito, para a poder tractar convenientemente (apoiados). Com que arrogancia diz um padre: «Meu filho, filho espiritual, filho do Deus e de mim, filho do meu espirito!» Filho de Deus e da religião, sim, senhor; filho de vossa senhoria, de vossa reverendissima, de vossa eminencia ou de você, que onsa ir adiante e entrar no limiar moral da minha porta, não senhor (riso).

Snr. presidente, eu sou catholico e admitto que todos os theologos regulares ou irregu-

lares, leigos ou não leigos inquiram os quilates da minha religião, a sinceridade das minhas creanças; mas se fizerem iguaes inquirições das suas, hão-de reconhecer que ha uma razão suprema que supprime a escolha impossivel n'este assumpto de religião; esta razão suprema que supprime a escolha da religião é a tradição da familia, porque o homem quando vem ao mundo segue sempre a religião de seus paes. Eu sou catholico, porque meus paes e minha familia eram catholicos, e isso bastava para eu preferir esta a todas as religiões, por mais santa, clara e justa que fosse a sua doutrina. Eu aconselharia sempre que se não dispensasse nunca na escolha de religião a tradição de familia, e que ao dogma religioso se juntasse o dogma dos nossos paes; da percepção das verdades supremas podemos desviar, ou pela fraqueza ou pelo orgulho, e no meio d'estes desvios a religião de familia é uma garantia, é um principio de fé humana. Se o religioso de bom senso me perguntasse qual minha religião, dir-lhe-ia—sou catholico—; e qual a razão?—Porque meu pai o era—. Respondo assim a todos os theologos, a todos os esquadriñadores da minha consciencia (apoiados).

Sou inimigo das irmãs da caridade, porque as considero como um ataque ao principio de familia (apoiados); e a caridade attribuida a uma certa instituição, com o piedoso fim de educar as creanças e tractar dos enfermos nos differentes paizes da terra, é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus. Este cosmopolitismo não me parece necessario nem util. Um pai desvelado, no ultimo quartel da vida, ou no vigor da idade, que tem todas as suas esperanças em que seus filhos, ou filhas principalmente, sejam o seu futuro, vê que as faces se lhes vão descorando, vê que a frente se lhes inclina para a terra, vê-lhe a tristeza no rosto e inquire-a, interpretando por algum desregramento do coração essa tristeza. «Que tendes, filha, que mal vos preoccupa o espirito?» «Nenhum, meu pai, fallou-me Deus, e a Deus entreguei a minha vontade e espirito, que deviam ser vossos. (Apoiados). Sou de Deus, que me fez uma lima nas mãos dos seus obreiros, como se vós não fosseis o melhor obreiro; sou de Deus e vou em nome de Deus correr mundo, para limar as asperezas de rusticidade ensinando os ignorantes, e socorrer os que soffrem, velando junto ao leito dos enfermos.» E o pai ha de deixal-a ir? Em nome de Deus, não.

Eis como esses padres tractam de attrahir os corações d'essas innocentes virgens. Foi tambem em nome da religião, que a inquisição levantava com mão impenitente essas fogueiras queimando as suas victimas, e não só as suas victimas, mas até os santos instrumentos da doutrina de Deus, os proprios livros da sua santa lei. (Apoiados). — Vozes: — Muito bem.) Não se queima só, queimando as carnes, carbonisando os ossos; queima-se apartando do coração, desfazendo e levando para longinquas paragens o que elle tem de mais caro (apoiados).

Eu conheço o que pôde haver de poetico, de curioso e sublime n'esta instituição de irmãs da caridade; mas conheço tambem quanto n'ella ha de arriscado e perigoso, mesmo pelas eloquentes e calorosas palavras com que o nobre e respeitavel fundador d'esta instituição descreveu as vantagens d'estes institutos, e a sua necessidade.

Depois de algumas considerações asceticas sobre o seu modo de vestir, trajar e comer, que ainda hoje supponho que são rigorosamente observadas, descreve elle os institutos das irmãs da caridade do seguinte modo (leu).

Mas no meio d'estas palavras sahidas da bôca d'este nobre e respeitavel fundador, que suspeitas, que escrúpulos de consciencia, que nuvens e que mil conjecturas se podem formar! Que perigos, e que consequencias gravissimas se podem seguir! Respeito os actos religiosos de S. Vicente de Paulo; mas a camara não pôde estranhar que eu empenhe todas as minhas forças, que recorra a todos os meios, que empregue a minha razão e intelligência para combater esta doutrina, que julgo pernicioso ao socego das familias. A camara já sabe que eu sou adversario jurado d'estas instituições.

A virtude da mulher é a modestia e o recato, junto do seus paes e debaixo das vistas da sua familia.

O padre Vieirá, fallando dos governadores do ultramar, que já n'esse tempo iam encher-se

de riquezas nas nossas possessões, comparava-os com as nuvens (não sei se a figura philosophica é bem cabida) que vão encher-se ao mar, e que elevando-se ao firmamento, vão despejar-se a longinquas regiões. «Vinde cá, dizia elle, nuvens ingratas, que viestes encher-vos aqui, e que leveis o fructo que colhestes para longinquas provincias», Digo tambem o mesmo. Virgem bella, que educada debaixo das vistas do vosso pai, ereis para elle o seu allivio, a sua esperanza, o seu contentamento e a sua congregação religiosa, para que ides levar tão longe o fructo dos exemplos paternos?

Vozes: — Muito bem, muito bem.

Acho desnecessaria a instituição. Pois ha de ir uma irmã da caridade transportada em vapor, caminho de ferro, para acudir aonde? Aonde está essa terra privilegiada de males e de doencas? Aonde não ha doentes a tractar, creanças para instruir ou velhos que precisem de ser consolados? Para que é esta organização como a de um grande exercito; esta obediencia ás ordens dos superiores; estas marchas constantes para a America, da America para a Africa, e da Africa para a Europa? Se isto se não citasse, era bom. Mas tudo se cita, tudo se sabe, tudo se reproduz no parlamento, tudo se escreve nos jornaes. Se Deus quer que a caridade seja tão occulta, que a mão direita não saiba o que dá a esquerda, para que é então decorar a cabeça das suas sacerdotisas com um certo ornato, e cingir-lhes o corpo com uma certa e determinada fazenda, proclamando, festejando e assinalando assim a caridade? (Apoiados.)

Vozes: — Muito bem.

[Continua.]

A commissão dos empregados judiciaes da capital.

A commissão encarregada de representar a classe dos empregados judiciaes subalternos perante os poderes publicos, em cumprimento da deliberação tomada na reunião dos empregados da capital, constituídos como centro commum da sua classe, que teve logar no dia 12 do corrente, declara do modo mais solemne, e para todos os effectos legais:

1.º Que não tem fundamento a noticia dada pelo «Braz Tizana» de 10 deste mesmo mez, relativa á pertença de requererem a sua Magestade os escrivães das seis varas desta comarca a suppressão dos logares que forem vagando até ficar cada uma vara reduzida ao numero de tres, porque semelhante ideia nem partio daquelle centro commum, nem semelhante requerimento foi assignado pela maioria dos escrivães das seis varas de Lisboa.

2.º Que de tudo quanto tem sido ou possa vir a ser publicado em qualquer periodico, jornal ou escripto, com relação aos interesses, melhoramentos e situação dos empregados judiciaes subalternos, nada implica responsabilidade, annuencia ou indicação, de que possa ou deva resultar prejuizo aos legitimos interesses e consideração da sua classe; porquanto a direcção de todos os negocios que lhe dizem respeito, unicamente pertence a esta commissão, a qual está authorizada a recorrer á imprensa ou a outros quaesquer meios, quando o julgar conveniente, para advogar a justiça e direitos de todos os empregados judiciaes subalternos.

N'esta conformidade a commissão, em desempenho da sua missão, não pôde deixar de reprovar tudo o que de menos conveniente tenha apparecido ou possa vir a apparecer nas columnas dos jornaes, em relação á classe que representa; e sem por forma alguma pertender ingerir-se no direito que cada um tem d'escrever o que lhe aprouver, julga inconveniente e altamente prejudicial ao decoro e interesses da sua classe suscitar ou manter polemicamente pela imprensa. Mas nem por isso ha de deixar de recorrer a todos os meios e mesmo aos da imprensa, quando o interesse geral de todos, e o cumprimento dos seus deveres e da sua difficil e delicada posição assim o exigir, com aquella prudencia e circumspecção, que primeiro que tudo lhe cumpre guardar.

No Braz Tizana de 11 do presente mez, que hoje chegou a Lisboa, vem transcripto o requerimento a que alludimos; e por elle mesmo se mostra a veracidade d'esta nossa declaração, pois que os seus signatarios são apenas seis, aos quaes está encarregada uma commissão de pedir em no-

me da classe, que retirem essa pertença, ponderando-lhes por essa occasião as razões que assim o aconselham. E' d'esperar que este passo produza o resultado que se deseja; porque aquelles dignos collegas não deixarão de reconhecer a justiça do pedido. Lisboa 13 de Julho de 1861.

José Maria Rodrigues
escrivão da Relação
João Bernardino da Silva Borges
escrivão da 2.ª vara
José da Motta Sobrinho
escrivão da 6.ª vara
Henrique José Monteiro de Mendonça
escrivão do 2.º districto criminal de Lisboa.

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

II

E' incontestavel a vantagem que este systema tem sobre o antigo, já porque o metro é um padrão fixo e invariavel, o que não acontece nas medidas antigas, que variavam segundo os paizes, e até no mesmo reino faziam differença de provincia para provincia, e de concelho para concelho; já porque os calculos se podem mais facilmente resolver, em rasão dos multiplos e sub-multiplos, neste systema, serem décuplamente formados, como no numero passado fizemos vêr; e já porque a nomenclatura exprime significativamente a relação entre as unidades, por isso que os multiplos do metro são formados das palavras gregas: deca, hecto, kilo e myria, que querem dizer—dez, cem, mil e dez mil, antepostas ao termo metro; e os seus divisores, das palavras latinas: deci, centi e mili, que querem dizer—decimas, centesimas e milésimas, antepostas tambem ao termo metro.

A palavra kilometro, por exemplo, não só exprime uma medida de comprimento, compostas das palavras kilo e metro, porem mostra-nos tambem a relação em que está na escala decimal a respeito do metro por isso que representa 1000 metros, o que não se dava no systema antigo, que alem de nos não mostrar evidentemente a que especie de unidades correspondem os seus nomes, menos o fazia para se conhecer a relação na escala com a unidade fundamental.

O systema antigo tem a extravagancia e impropriedade da nomenclatura; a palavra maquia, nada exprime a respeito da grandeza da fanga ou do alqueire, e sabe-se perfeitamente que a maneira de dividir qualquer unidade era fastidiosa, e muitas vezes resultava grande complicação para os calculos.

O numero decimal é aquelle que se compõe de partes da unidade, como o numero quebrado, porém sempre na rasão décupla, por isso que vae diminuindo de dez em dez de unidade para unidade. Por exemplo:

16^u, 596 milésimas,
que são 16 unidades e 596 milésimas partes de uma unidade.

A virgula, neste systema, serve para nos indicar o logar das unidades e o das fracções dessa mesma unidade; assim, se adiantarmos uma, duas, tres, ou mais vezes para a direita, o numero se tornará dez, cem, mil ou mais vezes maior; pelo contrario ficará dez, cem, mil ou mais vezes menor, se ella se adiantar para a esquerda. Por exemplo: 1^u, 6596—165^u, 96—1659, 6—16596; o primeiro representa 1 unidade e 6596 decimas milésimas, o segundo 165 unidades e 96 centesimas, o terceiro 1659 unidades e 6 decimas, e finalmente o quarto 16596 unidades.

O valor de qualquer numero decimal

não se augmenta, accrescentando á sua ultima letra quantas cifras quizermos: tanto faz dizermos 6^u, 7 decimas, como 6^u, 70 centesimas, ou 6^u, 700 milésimas, porque, tornamos a repetir, cada unidade tem dez decimas, cem centesimas, ou mil milésimas.

O sommar decimal pratica-se como o dos numeros inteiros, com a differença porém de que a virgula vá sempre alinhada d'alto a baixo, para que se não troquem na somma as letras que pertençam á decima; e de que as parcelas tenham igual numero de letras decimaes, ajuntando as cifras necessarias áquellas que menos tiverem, o que não altera o valor. Por exemplo, se tivermos de sommar

u	394,7629	decimas milésimas
	3,6	decimas
	36,13	centesimas
	1,3	decimas

o faremos assim:

u	394,7629
	003,6000
	036,1300
	001,3000

	435,7629
=====	

O diminuir é tambem pelo mesmo modo dos numeros inteiros, observando-se o mesmo que se disse da virgula no sommar decimal. Por exemplo

	785,2	decimas
	432,468	milésimas

assenta-se assim:

	785,200
	432,468

	352,732
=====	

[Jornal dos Artistas.]

PORTO 26 DE JULHO DE 1861.

[Do nosso correspondente.]

Na proxima segunda feira tem a nova Sociedade do Palacio (de cristal) Agricola-Industrial e Artistico, a primeira reunião d'assemblea geral, para discussão do projecto d'Estatutos. Como a cifra da subscrição excedia já no dia 21, só a das listas recolhidas, a mais de 100 contos, constituiu-se a Sociedade, cujo capital fixado nos prospectos em 150 contos, é elevado no projecto d'estatuto a 160, podendo ainda subir a 200 se assim for preciso.

A Sociedade deverá comprar ou aforar não só o terreno para o palacio, mas tambem terrenos contiguos para parque, jardim d'acclimação, viveiro d'aves e animaes raros etc. O projecto é grandioso, mas já se não pôde pôr em duvida a sua realisação, que será para o Porto um monumento de gloria.

Segundo as noticias de Lisboa, parece que os desejos manifestados por um alto personagem, mudaram a resolução primitiva do ministro dos negocios estrangeiros, acerca do Consulado portuguez no Rio de Janeiro. Assegura-se que está definitivamente decidida a demissão do Barão de Moreira, e a nomeação de um delegado do governo para examinar tudo o que respeita ás heranças de portuguezes fallecidos no Rio de Janeiro, arrecadadas e liquidadas pelo Consulado. Na presença da voz geral da imprensa, e da opinião unanime que se manifestou na camara electiva, o governo não podia nem devia proceder d'outro modo.

Já chegou uma parte dos productos que a industria catalã envia á exposição do Porto.

Continua a assegurar-se que o Rei vem por mar, para evitar o incommodo de comprimentos, felicitações etc., da viagem por terra. O vapor de guerra *Lynce*, que está ancorado no Douro, deverá conduzir as autoridades fóra da

barra, ao encontro do vapor em que vier S. M. Corre o boato de que o Snr. D. Pedro-Virá d'aqui ao Douro. São boatos, e ao certo nada por ora se sabe, sobre as intenções de S. M. Conta-se que as côrtes se fecharão logo que seja votado o orçamento, isto é, no fim do corrente. Logo depois partirá o rei para esta cidade. Prepara-se-lhe grande ovação no theatro de S. João. O governador Civil já tomou oito camarotes, e outros estão já tomados por diversas pessoas. Nas hospedarias tambem já ha quartos tomados.

Continuam os intrigantes de todos os tempos a dar as cartas na Guarda Municipal. A baixa illegal do brigadas e 4 sargentos, seguiu-se agora a mudança dos officiaes que serviram com o antigo Commandante, que foram passados a outros corpos, menos dous que foram passados á disponibilidade, que é a antiga 3.ª secção, e infelizmente um d'elles tem 8 filhos.

O actual Commandante ha de conhecer o que valem as influencias que o dominam, mas já tarde. Os intrigantes são sempre os mesmos e contados.

Para agradar a certos berradores desagradados á gente séria, que se não guia pelas declamações descompostas de quem não tem outro meio de se tornar saliente.

E assim vai tudo!



Omnia mors poscit; lex est, non pœna, perire.

Mais uma existencia acaba de ser coitada pela inexoravel mão do destino! Mais um nome acaba de ser riscado do livro dos vivos!

O ill.^{mo} e exc.^{mo} Commendador Joaquim Antonio Paes de Villas boas, desceo hontem á região dos mortos.

Os padecimentos chronicos que ha muito o affectavão, forão-se exacerbando nestes ultimos mezes.

Socorros da medicina, desvelos de tratamento, foi tudo baldado!

Seus dias estavam contados!

Conhecendo que se approximava o termo, pediu elle mesmo os sacramentos; e occupou-se por espaço de tres dias em dispôr os negocios de sua casa, conservando a maior serenidade o resignação.

Atravessou as vicissitudes politicas porque o Paiz tem passado desde 1828; e durante este periodo desempenhou commissoens de responsabilidade e importancia; e foi em diversas legislaturas Deputado ás Côrtes.

Dotado do grande intelligencia, e de um tacto politico pouco commum, soube grangear valiosos amigos em todas as diversas parcialidades.

Pena foi, que a sua ultima hora soasse aos 61 annos de sua idade.

Nós acompanhamos a sua estimavel familia na profunda saudade e desgosto em que jaz submersa.

NOTICIAS DIVERSAS.

AGRADECIMENTO — Recebemos o 1.º n.º do Jornal Religioso — a « Fê Catholica » — que se publica na Capital nos dias 1.º e 15.º de cada mez. Desejamos-lhe longa duração; e muito agradecemos a remessa.

FALLECIMENTO. — Falleceu hontem por 9 horas da manhã o snr. Paes de Villas boas, cujas exequias hão de ter lugar amanhã no Templo do Bom Jesus da Cruz.

GRINALDA.—Recebemos o 3.º numero desta publicação que agradecemos.

ISTHMO DE SUEZ.—Já se acha em Pariz de volta do Istmo de Suez o infatigavel iniciador daquelle gigantesca empreza, mr. Lessep, o qual visitou recentemente as obras em construcção, dando-lhes um grande impulso. O Mediterraneo penetra já no Istmo pelo lago Menzaleh uma extensão de 32 kilometros, e espera-se que em breve chegará até 52, unindo-se assim Kantara e Ferdane.

PENA DE TALIÃO.—Vamos hoje dar conta de um drama horroroso, que attesta os perigos a que estamos sujeitos pela impunidade dos criminosos.

Ainda não ha muito tempo, nas proximidades da villa de Bellas, residia um pequeno lavrador em companhia de sua mulher, que possuíam uma junta de bois com que labutavam ganhando o pão de cada dia. Tanto um como o outro eram já de avançada idade; viviam sós, sem familia e apenas tinham em casa um moço, e uma criada.

A feira da Aqualva, e a carestia do gado, que então se experimentava desafiaram o ancião a intentar a venda da sua junta de bois. Effectivamente, conduzindo-os áquelle mercado ali os vendera pela quantia de trinta libras. Recolhendo a casa deu parte á sua companheira da boa venda que havia effectuado, pedindo-lhe que desse de ceiar ao moço que tinha necessidade de repousar. Em seguida os bons velhos foram-se também deitar.

Alta noite, o moço levanta-se, arma-se de uma faca, e cauteloso penetra no aposento do patrão e da-lhe a morte.

A pobre mulher acorda: vê o márido morto, e ella ameaçada pelo assassino que lhe reclamava o dinheiro da junta de bois. A desgraçada levanta-se espavorida e aterrada, e dirige-se ao quarto onde estado a criada, com tanta felicidade que conseguiu fechar a porta, deixando engaiolado o assassino.

Como se reputasse segura, corre á janella e gritando, pede soccorro aos visinhos, que accodem ás suas vozes, entram em casa da afflicta anciã, apoderam-se do matador, matam-no também, e conduzindo o cadaver ao quintal, ali o queimam redusindo-o a cinzas!

A justiça parece que tomára conhecimento dos factos, e instaurando o processo trata de proceder contra os auctores do ultimo attentado, que fiseram justiça per suas mãos.

Longe de nós a idéa de deixar de punir com todo o rigor das leis os perpetradores de um attentado, mas não podemos deixar de o considerar como um resultado da impunidade dos criminosos. Talvez, que os visinhos que acudiram aos gritos da afflicção, se contentassem com apossar-se do assassino, se tivessem a certeza de que elle seria punido. Quem nos diz a nós, que no meio do terrivel conflicto não surdira a voz de «mata, senão a justiça põe-no na rua ou não o castiga, como tem acontecido a muitos!»

A falta de religião, e esse desprezo que tem havido pelos seus ministros, a quem roubaram a dignidade e o prestigio, dá em resultado essa immoralidade, e essa facilidade em commetter os mais atrozes crimes, que em outras epocas senão repetiam, porque havia o temor da justiça dos homens e da justiça de Deos.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

TELEGRAMMAS.

Londres 18.—O governo inglez deo as ordens oportunas para que se façam consideraveis armamentos maritimos.

Francfort 18 —O partido unitario está resolvido a aceitar todas as consequencias que de sua actitude possam resultar.

Os principaes individuos que o compõem acham-se d'accordo para assim o fazer saber.

Liverpool 19—Ha noticias da federação do Norte da America.

O presidente Lincoln, esteve a ponto de perecer ás mãos d'um assassino.

As primeiras medidas de que o governo pediu authorisação ao congresso, são augmentar o exercito até 400,000 homens e elevar os direitos das Alfandegas.

Vienna 19—Foi accete a demissão dos ministros húngaros. O conde Forgach foi nomeado chanceller da hungria.

Turin 19—Victor Manoel disse ao general Fleury que para elle é uma satisfação que o imperador approve a politica seguida pelo seu governo.

NOTICIAS DE HESPANHIA.

Segundo um telegramma de Granada, de 19, toda aquella proviucia estava tranquilla. Os boatos que frequentemente correm de appareição de partidas, não são mais que um pretexto para afastar os carabineiros e desembarcar contrabandos.

Hoje (19) se verificou em Salar a execução de Antonio Rosa.

Foram prezas em Loja 10 pessoas daquelle cidade, 10 de Huertos, 9 de Montefrio, 48 de Santa Cruz, 10 de Alhama, 6 de Zafarraya, 4 de las Ventas, 48 de Isnajar, 2 de Algarinejo, e 1 de Zagra. O total dos prezos existentes em Loja, é de 293.

Tinham-se dado mais tres sentenças, impondo-se a um dos réos cadeia perpetua, a outro 20 annos, e a outro 12.

SS. MM. e AA. tinham chegado ás 9 horas da noite de 19, á villa de Reinosa, sendo recebidas com as maiores próvas de affecto.

Em Tetuam havia tranquillidade, e a saude era boa, menos na Alfandega, onde reinavam febres intermitentes, tendo sido atacado o general Tron.

ANNUNCIOS.

NOTICIA.

Nova festividade e romaria no Real Sanctuario do BOM JESUS DO MONTE de Braga, neste anno de 1861.

O anniversario da *Dedicacão da Igreja do BOM JESUS DO MONTE* será celebrado todos os annos no segundo Domingo d'Agosto com romaria e funcção d'igreja, o que neste anno terá lugar com grande solemnidade. Em a noite de Sabbado 10 de Agosto haverá fogo de artificio, e no Domingo 11 as funcções religiosas no Sagrado Templo com toda a magnificencia, e Chrisma conferido pelo Exm.º snr. Arcebispo Primaz Juiz do mesmo Sanctuario.

ARREMATÇÃO

NO dia 11 do futuro mez de Agosto por 9 horas da manhã no Tribunal judicial desta Villa, se tem de proceder na arrematação de uma morada de cazas torres com seu quintal sitas na rua dos Ferreiros desta Villa, pertencentes á herança do fallecido José Antonio dos Santos Ferreira Barboza, para pagamento de dividas dos diversos credores, no inventario que por morte do mesmo se anda fazendo pelo cartorio do escrivão Alvarenga. (142)

COLLEGIO DA ALEGRIA

PARA MENINOS DIRIGIDO POR P.º NEVES, PROFESSOR DE LATIM NO COLLEGIO DA GUIA.

As proporções e conveniencias da casa, a boa direcção, educação e bons professores, nada deixarão a desejar. Quem quizer programmas dirija-se por carta do Director do mesmo Collegio na rua da Alegria n.º 283 Porto.

Nesta redacção se achão também alguns programmas, que se franqueão a quem queira. (141)

CASA FELIZ PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

2.ª EXTRACÇÃO DO 5.º TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R\$ 12:000:000

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Tem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 5\$000, meios ditos, a 2600, quartos, a 1300, e cautelas de 500 reis e 250, cuja extracção terá logar no dia 29 de Julho.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remetem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria parte dos seguintes premios em cautelas de 500 e 250 rs.

N.º 4694

10:000:000 DE RÉIS

N.º 4991

90:000 »

BARCELLOS.—Typographia de José Alves Valongo e Sousa. Rua Direita n.º 28.—